

**INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE  
PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**KARLA GIOVANNA AUGUSTO HUPFER**

**O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA PARA  
ADOLESCENTES E ADULTOS SURDOS – UMA  
ABORDAGEM SOBRE OS ATENDIMENTOS  
PSICOPEDAGÓGICOS**

**SÃO PAULO  
2017**

**INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE  
PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**KARLA GIOVANNA AUGUSTO HUPFER**

**O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA PARA  
ADOLESCENTES E ADULTOS SURDOS – UMA  
ABORDAGEM SOBRE OS ATENDIMENTOS  
PSICOPEDAGÓGICOS**

Trabalho Monográfico apresentado ao curso de Formação em Psicopedagogia, como exigência parcial para obtenção do diploma de Psicopedagogo, do Instituto Sedes Sapientiae.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Solange Souza

**SÃO PAULO  
2017**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a todos os psicopedagogos que tem interesse em trabalhar com crianças e adultos surdos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos os professores e colegas que me auxiliaram nessa trajetória para me tornar uma psicopedagoga.

## RESUMO

**HUPFER, Karla Giovanna Augusto. O ensino da Língua Portuguesa escrita para adolescentes e adultos surdos – uma abordagem sobre os atendimentos psicopedagógicos.** 2017. \_\_\_\_ f. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Formação em Psicopedagogia, como exigência parcial para obtenção do diploma de Psicopedagogo, do Instituto Sedes Sapientiae. 2017.

O reconhecimento de que a língua de sinais possibilita o desenvolvimento do surdo em todos os seus aspectos – cognitivo, sócio-afetivo-emocional e lingüístico – somado à reivindicação de comunidades de surdos quanto ao direito de usar a língua de sinais, tem levado, nos últimos anos, muitas instituições a adotarem um modelo bilíngüe na educação de surdos. Neste modelo, a primeira língua é a de Sinais, que dará o arcabouço para o aprendizado da segunda língua, o Português, preferencialmente na modalidade escrita, no caso dos surdos brasileiros. Evidencia-se, assim, a importância de se expor os alunos surdos, crianças, adolescentes ou adultos, a atividades sistemáticas de leitura e escrita, o que com certeza contribuirá para que eles aprendam e usem adequadamente a Língua Portuguesa, já que as dificuldades que os alunos surdos geralmente apresentam na escrita não decorrem da surdez, mas do pouco conhecimento que têm da Língua Portuguesa. Visando conhecer como se dá o ensino da língua portuguesa escrita para adolescentes e adultos surdos, procedeu-se anteriormente a este estudo, refletir sobre como a Língua Portuguesa escrita tem sido ensinada a adolescentes e adultos surdos. Para isso foram realizadas entrevistas com três profissionais que atuam com adolescentes e adultos surdos em uma escola básica bilíngüe para surdos, em São Paulo. Os três entrevistados consideraram que os alunos surdos devem ser inseridos desde cedo em um contexto bilíngüe onde a primeira língua é a língua brasileira de sinais e a língua portuguesa é a segunda, e deve ser ensinada na modalidade escrita. Em se tratando do ensino de língua portuguesa, os entrevistados afirmaram que as atividades de leitura de diferentes gêneros e tipos textuais, escrita coletiva, na qual a professora escreve na lousa, em português, o que os alunos contam na língua de sinais, e atividades de reescrita possibilitam aos alunos refletirem sobre o funcionamento da língua portuguesa. Os três entrevistados referiram progresso nas produções textuais dos alunos das oficinas de língua portuguesa, o que eles atribuem à ampliação do conhecimento da língua

portuguesa, bem como defenderam a leitura como a fonte principal para o aprendizado da língua portuguesa para os surdos. Tendo como base esses conhecimentos prévios e esses dados de pesquisas realizados anteriormente, o presente estudo tem como objetivo conhecer como ocorrem os atendimentos psicopedagógicos com esses alunos surdos, se existe diferenças nos atendimentos entre surdos e ouvintes, bem como a evolução deles no processo terapêutico. Para isso serão realizadas entrevistas com psicopedagogas atuantes na escola de Surdos de São Paulo e observações desses atendimentos, levando em conta as estratégias utilizadas, intervenções, processo de diagnóstico, processo de avaliação, dificuldades apresentadas, relatório de evolução, dentre outros materiais disponíveis.

**PALAVRAS-CHAVE:** linguagem e surdez – ensino da língua portuguesa para surdos – leitura, escrita de alunos surdos – atendimento psicopedagógico.

## **ABSTRACT**

**HUPFER, Karla Giovanna Augusto. The teaching of the Portuguese language written for adolescents and deaf adults - an approach on psycho-pedagogical care.** 2017. \_\_\_\_ f. Course Conclusion Paper presented to the Training Course in Psycho-pedagogy, as partial requirement to obtain the diploma of Psycho-pedagogue, from the Sedes Sapientiae Institute. 2017

The recognition that sign language enables the deaf to develop in all its aspects- cognitive, socio-affective-emotional and linguistic - coupled with the deaf communities' claim to the right to use sign language, has in recent years led many institutions to adopt a bilingual model in deaf education. In this model, the first language is Signals, which will give the framework for learning the second language, Portuguese, preferably in the written mode, in the case of the Brazilian deaf. Thus, it is important to expose deaf students, children, adolescents or adults to systematic reading and writing activities, which will certainly help them learn and use the Portuguese language, since the difficulty that the deaf students usually present in the writing does not derive from the deafness, but from the little knowledge that they have of the Portuguese Language. Aiming to know how is the teaching of the Portuguese language written for deaf adolescents and adults, it was previously studied, reflect on how the written Portuguese language has been taught to deaf adolescents and adults. For that, interviews were conducted with three professionals who work with adolescents and deaf adults in a basic bilingual school for the deaf in São Paulo. In the case of Portuguese language teaching, the interviewees stated that the activities of reading different genres and textual types, collective writing, in which the teacher writes on the board, in Portuguese, what the students report on sign language, and activities of rewriting allow students to reflect on the functioning of the Portuguese language. The three interviewees reported progress in the textual productions of the students of the Portuguese language workshops, which they attributed to the expansion of knowledge of the Portuguese language, and defended reading as the main source for learning the Portuguese language for the deaf. Based

on previous knowledge and research data, the present study aims to know how psycho-pedagogical attendance occurs with these deaf students, whether there are differences in the attendance of deaf people and listeners, as well as their evolution in the therapeutic process. To this end, interviews with psycho-pedagogues at the Deaf School of São Paulo and observations of these services will be carried out, considering the strategies used, interventions, diagnosis process, evaluation process, difficulties presented, progress report, among other available materials.

**KEYWORDS:** language and deafness - teaching of the Portuguese language to the deaf - reading, writing of deaf students - psycho-pedagogical service.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1 ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS.....</b>	<b>11</b>
1.1 BREVE HISTÓRICO.....	11
1.2 ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA PROPOSTA BILÍNGUE.....	12
1.3 CONCEPÇÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	14
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
2.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	20
2.2 CARACTERIZAÇÃO DAS OFICINAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	21
2.3 ENTREVISTAS.....	22
<b>3 ANÁLISE DAS RESPOSTAS.....</b>	<b>30</b>
3.1 DISCUSSÃO DAS RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS.....	30
<b>4 RELAÇÃO DO TEMA COM A PSICOPEDAGOGIA.....</b>	<b>32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>37</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>40</b>

## INTRODUÇÃO

Por muito tempo, e até hoje para muitas pessoas, a surdez tem sido considerada a responsável pelas dificuldades que a maior parte dos surdos apresenta no uso da língua portuguesa escrita.

É sabido que, por não terem acesso à linguagem oral, a quase totalidade das crianças surdas chega à escola com, no máximo, fragmentos da língua portuguesa. Se forem filhas de pais ouvintes, é quase certo que chegarão também sem a língua brasileira de sinais.

Visando ao aprendizado da língua portuguesa, até recentemente as escolas insistiam na oralidade, ou seja, no uso, pelos alunos, da leitura oro-facial e da fala. Para isso, muito tempo era despendido em treinamento auditivo e de fala. Embora alguns alunos conseguissem atingir um nível satisfatório de recepção e de produção na comunicação, isto não era a realidade para a maioria.

Outro fator que deve ser considerado ao se discutir a aquisição e uso da língua portuguesa escrita pelos alunos surdos diz respeito à concepção de língua que era adotada na escola, tanto no ensino dos ouvintes como dos surdos. Com base na concepção de linguagem como instrumento de comunicação, a língua era ensinada como um código, ou seja, como um conjunto de regras que os alunos deveriam aprender como pré-requisito para usar a língua (Pereira, 2005).

Se, no ensino de alunos ouvintes, que chegam à escola usando a língua portuguesa, esta concepção de língua resultou em decodificação sem compreensão, para os alunos surdos, que têm pouco conhecimento da língua portuguesa, o resultado foi, além de decodificação sem compreensão, o uso de frases estereotipadas, as quais faltavam elementos de ligação, artigos, flexões, entre outros. Era como se a língua fosse adquirida de fora para dentro, de forma mecânica, sem reflexão (Pereira, 2011).

A mudança na concepção de língua no ensino da língua portuguesa para alunos surdos, assim como para ouvintes, trouxe mudanças significativas.

Concebida como atividade discursiva, o texto é considerado unidade básica, lugar de interação, e os interlocutores são vistos como sujeitos ativos, que, dialogicamente, nele se constroem e são construídos (Koch, 2001).

Concebendo-se a língua como atividade discursiva, deve-se inserir os alunos surdos em situações de uso da língua portuguesa escrita, possibilitando assim, a

elaboração de hipóteses sobre o funcionamento linguístico-discursivo desta língua. Vale lembrar que, diferentemente do que ocorre com as crianças ouvintes, para as surdas a elaboração das hipóteses sobre a escrita se baseia na visão. A preocupação do professor é que o aluno atribua sentido ao que lê e produza sentido na escrita.

Sabe-se que, para se tornarem leitores e escritores competentes, é fundamental que os alunos surdos, assim como os ouvintes, disponham de conhecimento de mundo e de língua, os quais vão constituir seu conhecimento prévio.

Pelo fato de grande parte dos alunos surdos virem de famílias ouvintes, que não usam a língua de sinais, é comum que sejam excluídos das conversas e de outras situações prazerosas, como contação de histórias, por exemplo. Como resultado, apresentam prejuízo significativo no conhecimento de mundo, além, é claro, de apresentarem pouco conhecimento de língua, seja de sinais ou a portuguesa.

Considerando que, de modo geral, as crianças surdas, de pais ouvintes, chegam à escola sem uma língua constituída e com defasagem no conhecimento de mundo, cabe aos profissionais lhes propiciar a aquisição da língua brasileira de sinais, que, por ser visual, não oferece dificuldade para ser adquirida pelos alunos surdos.

A língua brasileira de sinais vai possibilitar às crianças surdas participarem de práticas discursivas e, assim, ampliarem seu conhecimento de mundo e da língua de sinais. Relativamente à aquisição da língua portuguesa, o conhecimento de mundo e de língua, elaborado na língua de sinais, vai permitir que as crianças surdas vivenciem práticas sociais que envolvem a escrita e, deste modo, constituam o conhecimento da língua..

Como para os alunos ouvintes, o objetivo do ensino da língua portuguesa escrita para os surdos deve ser promover a compreensão e a produção de textos e não de palavras e frases isoladas, daí a importância de se trabalhar muito bem o texto, inicialmente na língua brasileira de sinais. A tarefa do professor é viabilizar o acesso do aluno surdo ao universo dos textos que circulam socialmente e ensinar a produzi-los. Desta forma, o aluno surdo poderá aprender a usar a língua portuguesa, bem como ampliar seu conhecimento letrado.

Nos últimos anos, alguns autores (E. Fernandes, 1999; Pereira, 2005; S.Fernandes, 2006, entre outros) têm mostrado que as dificuldades que os alunos surdos apresentam no uso da língua portuguesa não decorrem da surdez, mas da falta de conhecimento desta língua. Inseridos em textos escritos na língua portuguesa e interpretados na língua de sinais, os alunos surdos são capazes de compreender e usar a língua portuguesa escrita. O nível de proficiência vai depender do conhecimento de mundo e de língua portuguesa que os alunos atingirem.

Para entender como se dá o ensino da língua portuguesa escrita para adolescentes e adultos surdos, optou-se por esboçar e acrescentar nesse trabalho, estudos e pesquisas realizadas anteriormente, dessa forma, acredita-se que ficará mais compreensível o aprofundamento nos atendimentos psicopedagógicos com esses pacientes, que é o objetivo principal dessa pesquisa.

O problema central desse trabalho é conhecer como ocorriam os atendimentos psicopedagógicos com os pacientes surdos. Se, por conta dessa especificidade, existiam estratégias e metodologias diferenciadas para se trabalhar com essas crianças. Outra dúvida era saber dos avanços desses pacientes no processo terapêutico, as formas de avaliação para se chegar em um diagnóstico, as queixas mais comuns e como a psicopedagoga ajudava os pacientes surdos na aquisição da LIBRAS.

Minha hipótese inicial é que o trabalho com as crianças surdas, era totalmente diferente do trabalho realizado com crianças ouvintes. Essa hipótese não se concretizou.

# 1 ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA OS ALUNOS SURDOS

## 1.1 Breve histórico

O ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos não pode desconsiderar que a maior parte deles vem de famílias ouvintes, que usam a Língua Portuguesa na modalidade oral, inacessível a quem não ouve. Por outro lado, a língua de sinais é geralmente desconhecida pela família. Assim, embora alguma forma de linguagem seja instituída na interação com os familiares, as crianças surdas, filhas de pais ouvintes, chegam à escola sem língua constituída, ou seja, em condição bastante diversa daquela de crianças ouvintes, que chegam falando a língua portuguesa.

Até 1960, predominou, na educação de surdos, a filosofia oralista que tinha objetivo integrar a criança surda no mundo ouvinte por meio do desenvolvimento da língua oral. De acordo com essa filosofia, com a utilização de aparelhos de amplificação sonora e estimulação auditiva, a criança surda poderia desenvolver seu potencial para a fala e para a leitura oro-facial (ou labial), minimizando sua condição de deficiente e integrando-se à comunidade ouvinte. Segundo Moura (2008) para os oralistas, seria possível transformar o complexo processo de construção de linguagem em uma simples associação de palavras/significados com os movimentos da boca. Devido à grande dificuldade de entender e usar uma língua oral, o oralismo fez com que as crianças surdas fossem consideradas deficientes devido à sua incapacidade para ouvir e à necessidade de educação especial e serviços sociais para minimizar e corrigir essas deficiências (Baptista, 2010).

Em meados de 1970, os resultados insatisfatórios do oralismo, somados às primeiras pesquisas sobre a língua de sinais americana, que tinham como objetivo atribuir estatuto de língua às línguas de sinais, e ainda as pesquisas mostrando que

crianças surdas, filhas de pais surdos, expostos à língua de sinais se saiam melhor na escola do que as filhas de pais ouvintes, levou à adoção de sinais na educação de surdos, o que recebeu o nome de Comunicação Total (Moores, 1996).

A Comunicação Total é a combinação do método oral com os sinais da língua de sinais e o alfabeto digital. Como refere Moores (1996), a recepção da linguagem se daria por meio da leitura oro-facial, da amplificação sonora, dos sinais e do alfabeto digital, e a produção se daria por meio da fala, dos sinais e do alfabeto digital. Na prática, os sinais foram usados concomitantemente com a fala, o que resultou no uso dos sinais na ordem da língua majoritária, caracterizando o que Schlesinger & Meadow (1978) chamaram de bimodalismo, na medida em que se trata de uma só língua, produzida em duas modalidades.

Para Vygotsky (1934, apud Moura, 2008), a linguagem é a ferramenta psicológica mediadora das relações entre os indivíduos e o mundo, responsável pela organização do pensamento, pelas conceitualizações, das mais simples às mais complexas.

Nos últimos vinte anos, as pesquisas linguísticas e os movimentos crescentes de reivindicação dos surdos pelo direito de ter uma educação na língua de sinais resultaram em uma nova proposta educacional: o Bilinguismo.

## **1.2 Ensino da Língua Portuguesa na proposta bilíngue**

Em se tratando de educação bilíngue para os surdos podemos definir que esta vem em oposição às práticas oralistas de escolarização dos alunos com perda auditiva (deficiência auditiva), considerados deficientes auditivos, e reconhece a surdez como uma diferença e não como uma patologia.

O bilinguismo propõe o uso de duas línguas na educação dos surdos: a língua de sinais como primeira língua, e a língua majoritária (a língua portuguesa, no caso dos surdos brasileiros), como segunda língua, no sentido de que a sua aquisição vai se dar com base na primeira língua.

Os primeiros passos que apresentavam o bilinguismo como uma proposta educacional possível e viável na educação para surdos foram dados, no Brasil, por Lucinda Ferreira Brito em um artigo datado de 1986. Segundo Brito (1986) o bilinguismo seria a única solução para o surdo brasileiro. No mesmo artigo, Brito apontava uma das questões primordiais para a adoção do bilinguismo, ou melhor, da educação bilíngue como uma abordagem educacional para o ensino de surdos que

era o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como o único meio, e somente ele, de comunicação entre surdos/surdos e surdos/ouvintes.

Brito (1986) afirmava que as línguas gestuais-visuais são a única modalidade de língua que permite aos surdos desenvolver plenamente seu potencial lingüístico e , portanto, seu potencial cognitivo, oferecendo-lhes, por isso mesmo, possibilidade de libertação do real concreto e de socialização que não apresentaria defasagem em relação àquela dos ouvintes. São, segundo a autora, o meio mais eficiente de integração social do surdo.

Considerar a língua de sinais como a primeira língua dos surdos significa que os conteúdos escolares devem ser trabalhados por meio dela, e que a língua portuguesa, na modalidade escrita, será trabalhada como disciplina, com base em técnicas de ensino de segunda língua. Essas técnicas partem de habilidades interativas e cognitivas já adquiridas pelas crianças surdas nas suas experiências com a língua de sinais (Quadros, 1997).

As línguas de sinais se diferenciam das línguas orais por fazerem uso do canal visual-espacial e não do oral-auditivo. Por este motivo, são chamadas de línguas de modalidade gestual-visual (ou visual-espacial), uma vez que a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida no espaço, pelas mãos, pelo movimento do corpo e pela expressão facial (São Paulo, 2008).

Por ser visual-espacial, a língua de sinais não oferece dificuldade para as crianças surdas e deve ser adquirida na interação com interlocutores fluentes nesta língua, preferencialmente surdos. A preferência por interlocutores surdos decorre do fato de estes partilharem a mesma forma de acesso ao mundo, pela visão, e também por serem representantes da cultura surda. Na interação com crianças surdas, os adultos surdos são referenciais linguísticos e culturais, além de contribuírem para a constituição da identidade das crianças como surdas (São Paulo, 2008).

A língua de sinais desempenha, para as crianças surdas, as mesmas funções que a língua oral para as crianças ouvintes. Sua aquisição vai possibilitar às crianças surdas participarem de práticas discursivas e, assim, ampliarem seu conhecimento de mundo e da língua de sinais. Relativamente à aquisição da língua portuguesa, o conhecimento de mundo e de língua, elaborado na língua de sinais, vai permitir que as crianças surdas vivenciem práticas sociais que envolvem a escrita e, deste modo, constituam o conhecimento da língua portuguesa.

Considerando-se a importância da língua de sinais para as crianças surdas, a escola deve proporcionar-lhes, desde que entram, a sua interação com adultos surdos, usuários da língua de sinais. A aquisição da língua de sinais tem papel fundamental no desenvolvimento das crianças surdas em todos os aspectos: cognitivo, sócio-afetivo-emocional e linguístico. Além disso, a língua de sinais possibilita às crianças surdas se comunicar e aprender numa língua que lhes é acessível.

Uma vez que, na proposta bilíngue, a língua portuguesa é a segunda língua, o sucesso no seu aprendizado vai depender em grande parte do nível de conhecimento que a criança tem da língua de sinais. Para Pereira & Vieira (2006, apud Moura, 2008), a melhor maneira de desenvolver o conhecimento da segunda língua é alimentar e estimular o conhecimento da primeira.

Quadros & Schmiedt (2006) destacam a importância da língua portuguesa ser ensinada para os surdos como uma segunda língua. Não se trata de apenas transferir o conhecimento da primeira língua para a segunda, mas sim de um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados.

Ao se referir ao ensino da língua portuguesa como segunda língua, Baptista (2010) afirma que a língua de sinais vai possibilitar às crianças surdas uma quantidade e variedade de experiências, conhecimento dos diferentes tipos de texto, descoberta da potencialidade da linguagem e de seu poder para criar mundos possíveis ou imaginários. A autora ressalta que, mesmo sem saber ainda ler, a criança surda percebe a funcionalidade da leitura e da linguagem escrita.

Também Svartholm (1998) destaca a importância de a criança surda ser exposta, desde pequena, à literatura e a outras formas normais de uso da linguagem escrita, tais como listas de compras ou cartas e cartões postais para amigos e parentes. A autora (Svartholm, 2003) sugere, entre outras atividades, que se conte uma história na língua de sinais e se mostre a escrita e as imagens para que as crianças relacionem o conteúdo ao escrito, ainda que não sejam capazes de ler sozinhas. Quando começam a ler, as crianças leem o texto junto com seus professores e explicam seu conteúdo na língua de sinais.

### **1.3 Concepção de Língua e ensino da Língua Portuguesa para surdos**



No ensino da língua portuguesa para alunos surdos, assim como para os alunos em geral, a escolha da concepção de língua vai nortear o processo de ensino e de aprendizagem do aluno.

Por muitos anos, o ensino da língua portuguesa para surdos se fundamentou na concepção de língua como código, ou seja, como um conjunto de regras que os alunos deveriam aprender como pré-requisito para usar a língua. Visando ao aprendizado da língua portuguesa pelos alunos surdos, o professor iniciava o trabalho com palavras isoladas e prosseguia com a utilização destas palavras em estruturas frasais, primeiramente simples e depois cada vez mais longas e morfossintaticamente mais complexas. Por meio de exercícios de substituição e de repetição, esperava-se que os alunos memorizassem as estruturas frasais trabalhadas e as usassem (Pereira, 2010).

Essa forma de trabalho se filia à teoria de Skinner, para a qual a palavra-chave é o comportamento. Para Skinner, a aprendizagem concentra-se na capacidade de estimular ou reprimir comportamentos, desejáveis ou indesejáveis. Na sala de aula, a repetição mecânica deve ser incentivada, pois leva à memorização e assim ao aprendizado. O ensino é obtido quando o que precisa ser ensinado pode ser colocado sob condições de controle e sob comportamentos observáveis. A aprendizagem ocorre através de estímulos e reforços, de modo que se torna mecanizada. De acordo com a teoria de Skinner, os alunos recebem passivamente o conhecimento do professor. O papel do professor é criar ou modificar comportamentos para que o aluno faça aquilo que o professor deseja. Em outras palavras, o professor é modelador dos comportamentos dos alunos, incluindo a linguagem.

O ensino padronizado e sistematizado da língua portuguesa resultou no uso, pelos alunos, de frases estereotipadas, usadas num contexto previsível. Quando usadas fora do contexto, observava-se desorganização morfossintática, falta de elementos de ligação, etc. Estas dificuldades eram comuns à maior parte dos alunos surdos e passaram a ser atribuídas à surdez. Dessa forma, os alunos surdos foram considerados incapazes de atribuir sentido ao que liam e com sérias dificuldades para utilizar a língua portuguesa escrita (SÃO PAULO, 2008).

A preocupação dos professores em ensinar a língua portuguesa aos alunos surdos levou-os a trabalharem intensivamente o vocabulário com seus alunos. Antes mesmo de verificarem o que os alunos entenderam do texto, geralmente pediam que

eles sublinhassem as palavras desconhecidas, procurassem o significado das mesmas no dicionário, após o que muitas vezes deveriam fazer frases com as palavras pesquisadas (Pereira, 2011).

Nos últimos anos, assim como ocorreu com os ouvintes, tem-se observado uma mudança na concepção de língua no ensino da língua portuguesa para alunos surdos. Em vez de código, a língua tem sido concebida como atividade discursiva. Com base nesta concepção de língua e na teoria interacionista de ensino e aprendizagem, o ensino deve estar centrado na habilidade de compreensão e produção de textos e não de palavras e frases isoladas. A tarefa do professor é de mediador do ensino-aprendizagem, introduzindo os alunos em atividades discursivas, como diálogos e textos, para que possam se sentir parte ativa do processo, se vendo como leitores, que conseguem atribuir sentido ao que leem, e escritores, que produzem textos de diferentes tipos e gêneros textuais, com sentido.

O objetivo do ensino não é que os alunos memorizem estruturas frasais trabalhadas, mas que as usem e, com base no uso, reflitam e elaborem suas hipóteses sobre o funcionamento da língua portuguesa. Nesta reflexão, os alunos surdos serão ajudados pela língua de sinais, a qual, por ser visual-espacial, não oferece dificuldade para os surdos.

A importância da língua de sinais para a aquisição da língua majoritária por crianças surdas é apontada por Svartholm (1998), para quem traduzir na língua de sinais textos e mensagens é uma base importante para a aprendizagem da escrita. A mesma autora (Svartholm, 2003) defende a leitura como ferramenta fundamental para a constituição do conhecimento da língua majoritária. Os alunos devem ser apresentados ao maior número possível de textos e o professor deverá ser capaz não somente de “traduzi-los” para a língua de sinais e vice-versa, como também de explicar e explicitar características dos textos para as crianças. Tais explicações deveriam ser dadas em uma perspectiva contrastiva, na qual as diferenças e as semelhanças entre a língua de sinais e a língua majoritária escrita seriam esclarecidas. A idéia subjacente é explicar o conteúdo dos textos e mostrar como o significado é expresso nas duas línguas. Neste ponto, cabe chamar a atenção para a necessidade de os alunos surdos terem acesso ao material escrito, uma vez que é pela visão que eles constituirão seu conhecimento sobre a língua portuguesa.

Considerando que, diferentemente das crianças ouvintes, as surdas elaboram as suas hipóteses com base na visão e não na audição, a leitura se constitui como imprescindível para o aprendizado da língua portuguesa escrita.

A leitura é um processo de interpretação que um sujeito faz do seu universo sócio-histórico-cultural. Assim, o ato de ler é uma tarefa imprescindível, pois pressupõe a aquisição/aprendizagem da escrita, sobretudo quando se trata da elaboração de textos. Para qualquer criança, é de fundamental importância, principalmente no início do aprendizado da leitura, a presença de recursos visuais, como imagens, filmes, bem como da dramatização.

Em se tratando de texto, ele se constitui como uma manifestação lingüística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem: situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, dessa forma são capazes de construir, para a criança, determinado sentido. O texto é processo, enquanto é concebido pelo autor, e produto, no momento de finalização por este, passando a ser processo novamente quando exposto às possíveis leituras e interpretações. É um instrumento fundamental nas e das práticas sociais. O texto escrito é ferramenta básica de comunicação entre surdos e ouvintes. É importante que o professor de surdos inclua os mais diferentes textos como recursos didáticos, tanto para a atividade de leitura como para a de produção.

S. Fernandes (1999) afirma que, uma vez que o conhecimento da língua portuguesa estará materializado nas possibilidades que os recursos da escrita oferecem, é importante ser rigoroso ao selecionar os textos que serão objeto de trabalho em sala de aula, optando sempre por textos que circulem socialmente, como revistas, jornais, reportagens do dia, materiais ricos e diversificados. Trabalhar com palavras isoladas na tentativa de se aprimorar o vocabulário dos surdos são tentativas fracassadas, realizadas ano após ano onde o esforço é inútil e, de fato, não contribui nem para o aprendizado da escrita e nem para a apropriação da língua.

A meta da leitura para os alunos surdos deve ser a compreensão de textos. Solé (1998) lembra que cabe aos professores incentivar os alunos a ler, ajudá-los a descobrir diversas utilidades para a leitura em situações que promovam sua aprendizagem significativa; proporcionar recursos necessários para que os alunos enfrentem com segurança, confiança a atividade de leitura. Ainda segundo Solé, é tarefa do professor ensinar os alunos a lerem com diferentes objetivos – para obter

uma informação, para seguir instruções, para aprender, por prazer, entre outros – para que, com o tempo, eles mesmos sejam capazes de se colocar objetivos de leitura que lhes interessem e que sejam adequados à situação. A mesma autora destaca a motivação e o conhecimento prévio como fatores importantes para a compreensão do texto.

A importância do conhecimento prévio para atribuição de sentido na leitura e para a produção de sentido na escrita é defendida tanto por autores que se dedicam à leitura e à escrita por alunos ouvintes, como Kleiman (2004), Fulgêncio e Liberato (2001; 2003), entre outros, como por surdos (Lane, Hoffmeister e Bahan, 1996; Pereira, 2005). Ao se referirem à compreensão da leitura, Fulgêncio e Liberato (2001) afirmam que, frente ao texto, a atenção do leitor dirige-se para a busca de um sentido e, nesta tarefa, ele opera com informação não-visual, isto é, com o seu conhecimento prévio. É o conhecimento anterior sobre a língua e sobre o mundo que permite ao leitor, à medida que vai montando o sentido do texto, fazer previsões e inferências, bem como reduzir o número de palavras viáveis em cada contexto e prever o significado, prescindindo da decodificação de cada elemento individual do texto.

Em relação à compreensão de leitura por alunos surdos, Lane, Hoffmeister e Bahan (1996) destacam que o conhecimento prévio de uma língua, que eles chamam de conhecimento de fundo, ajuda os alunos a criarem expectativas e a formularem hipóteses sobre os significados dos textos, a abstraírem significado de passagens de textos e não apenas de vocábulos isolados. Seguindo este princípio, para que leiam e escrevam na língua majoritária, as crianças surdas, assim como todas as outras, necessitam de conhecimento de mundo de forma que possam recontextualizar a escrita e daí derivar sentido. Necessitam de conhecimento sobre a língua majoritária escrita para que possam encontrar as palavras, as estruturas das orações, assim como para criar estratégias que lhes permitam compreender os textos lidos e produzir textos.

Em relação ao ensino da escrita, Cagliari (1998) ressalta que o aluno que tem espaço para revelar suas hipóteses em trabalhos escolares, vai, aos poucos, aprendendo a organizar seus conhecimentos e a adequá-los à realidade, de tal modo que esse aluno acaba aprendendo não só o conteúdo, mas também aprende a aprender. Neste processo, o professor não é mero espectador do que o aluno faz ou simples facilitador do processo de aprendizagem, mas cabe a ele ensinar e

ajudar cada aluno a dar um passo adiante e progredir na construção de seus conhecimentos. Cagliari esclarece que ensinar não é repetir um modelo até que o aluno aprenda o que ele quer dizer; é compartilhar as dificuldades do aprendiz, analisá-las, entendê-las e sugerir soluções.

Em relação às crianças surdas, considerando que, diferentemente das ouvintes, elas não usam a língua portuguesa na modalidade oral, cabe ao professor propiciar situações de uso da língua portuguesa escrita.

No início do processo da escrita o professor faz o papel de escriba, escrevendo na língua portuguesa o que os alunos relatam na língua de sinais. Como interlocutor e escriba, o professor contribui para a elaboração do texto e, assim, os alunos começam a assumir, com a ajuda do professor, a autoria do texto escrito, depois o reelaboram num novo trabalho de escrita individual. Quando começam a escrever, os alunos surdos fazem um percurso diferente do apresentado pelos alunos ouvintes, já que se baseiam na visão, e não na audição (Pereira, 2005).

## **2 METODOLOGIA**

Visando refletir sobre como a Língua Portuguesa escrita tem sido ensinada a adolescentes e adultos surdos, foram entrevistados (roteiro em anexo 1) profissionais que atuam nas oficinas de língua portuguesa, oferecidas pela escola básica bilíngue para surdos, que faz parte da Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (DERDIC), da PUCSP e uma psicopedagoga que atua com surdos.

### **2.1 Caracterização dos entrevistados**

Foram sujeitos dessa pesquisa três integrantes do corpo docente das oficinas de Língua Portuguesa oferecidas pela Escola Bilingue de Educação Básica da Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação – DEDIC – Instituto Educacional São Paulo (IESP). São eles: a professora que ministra as oficinas de língua portuguesa, o coordenador pedagógico e a linguísta que assessora o ensino da língua portuguesa, desde a escolha do material até a avaliação do desenvolvimento dos alunos.

Professora: Tem atualmente 49 anos, é casada e não possui filhos. Atua como professora titular das oficinas de língua portuguesa da Deric e já atuou como professora titular na educação infantil para alunos surdos e ouvintes. É graduada em

EDAC pela Universidade Católica de São Paulo, fez especialização em Psicopedagogia na Universidade São Marcos.

Coordenador Pedagógico: Tem atualmente 45 anos, é casado e tem duas filhas. Atua como coordenador pedagógico da Derdic e diretor pedagógico de uma escola estadual para ouvintes de São Paulo. É formado em Educação Física pela Universidade de Santo Amaro e em Pedagogia pela Universidade Católica de São Paulo. Possui especialização na área de surdez.

Linguísta: É casada e tem duas filhas. Possui formação em Letras (português-inglês) pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Mackenzie, mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, pela PUCSP, e doutorado em Linguística (com foco na aquisição da linguagem por crianças surdas), na UNICAMP. Entrou na DERDIC em 1968, como professora de português do ginásio. Em 1972, passou a fazer parte do setor de Linguística, respondendo pela assessoria aos professores nas questões relacionadas à linguagem e realizando avaliações de linguagem dos pacientes que procuravam a clínica da DERDIC. Continua no setor de Linguística da escola e responde pela assessoria aos professores do Ensino Fundamental e das oficinas nas questões relacionadas ao ensino/aprendizagem da língua portuguesa para/por alunos surdos.

Psicopedagoga: É casada, possui formação em Pedagogia pela PUCSP e psicopedagogia pelo Instituto Sedes Sapientiae.

Possui seu consultório em que ela atende crianças ouvintes e surdas e atua também na DERDIC.

## **2.2 Caracterização das oficinas de língua portuguesa**

As oficinas de Língua Portuguesa, no IESP-DERDIC, tiveram início em 2012, motivadas, de um lado, pela defasagem acentuada que grande parte dos alunos surdos apresenta na compreensão e uso da Língua Portuguesa escrita, quando comparados aos ouvintes de mesma idade e série escolar e, por outro lado, por uma demanda dos próprios alunos surdos ao ingressarem no mercado de trabalho.

Reconhecendo a legitimidade da demanda, o grupo de profissionais do Ensino Fundamental noturno do IESP/DERDIC-PUCSP criou as oficinas de língua portuguesa, voltadas para alunos surdos que terminaram o ensino fundamental. Não se trata de propor continuidade na formação educacional, mas de propiciar aos interessados um espaço onde possam ter a oportunidade de aprender e, assim, ampliar suas possibilidades de participação na sociedade.

O objetivo é propiciar aos alunos a ampliação da competência de leitor e de escritor. Para isso, desenvolve-se, nas oficinas, um trabalho intensivo de leitura de diferentes gêneros e tipos textuais. Cada atividade de leitura é seguida de uma produção escrita, possibilitando-se, assim, a inserção dos alunos em atividades de escrita. Os textos trabalhados na aula são retomados na aula seguinte para que seja feita releitura e reescrita com a ajuda do professor.

As oficinas de língua portuguesa são semestrais, com duração de duas horas, oferecidas duas vezes por semana.

### **2.3 Entrevistas**

A entrevista consistiu de perguntas sobre como é ensinada a língua portuguesa escrita para os adolescentes e adultos surdos, se existe uma idade específica para iniciar o ensino da L.P, bem como se alunos surdos filhos de pais ouvintes têm maior ou menor dificuldade no aprendizado da L.P do que os filhos de pais surdos. As diferenças que os entrevistados acreditam existir no ensino da Língua Portuguesa escrita para surdos e para ouvintes, a importância que a língua de sinais desempenha nesse processo de ensino-aprendizagem, como as oficinas de língua portuguesa têm auxiliado esses alunos a aprimorarem seus conhecimentos referente a língua e a visão dos entrevistados sobre a inclusão e como a psicopedagoga atua com esses pacientes nos consultórios.

Para possibilitar a comparação entre as respostas dos quatro entrevistados, apresento a seguir uma tabulação das respostas obtidas.

- 1) Comente sua experiência com as oficinas de L.P para adolescentes e adultos surdos.

<b>Coordenador</b>	<b>Professora</b>	<b>Linguista</b>
--------------------	-------------------	------------------



<p>“: As oficinas iniciaram em 2012 e eu estou como coordenador desde então discutindo também textos e melhores estratégias”.</p>	<p>“Estou há dois anos ministrando as oficinas de língua portuguesa, antes eu dava aula para o EJA porém era uma outra proposta e outra grade curricular.</p> <p>A ideia das oficinas já havia sido cogitada anteriormente mas tomou força com crescente demanda de alunos que precisavam aprimorar seu conhecimento em língua portuguesa”.</p>	<p>“Oriento todo o processo, desde o planejamento das atividades, a escolha dos gêneros e dos tipos textuais a ser trabalhados, bem como o conteúdo da gramática a sr ensinado”.</p>
---	---	--

2) Quais são os resultados que você obteve até agora com as oficinas de L.P?

<b>Coordenador</b>	<b>Professora</b>	<b>Linguista</b>
<p>“Os resultados são a melhoria na produção textual dos alunos, ampliação de vocabulário, uso correto de artigos, preposições e elementos de ligação”.</p>	<p>“Nas aulas eu solicito que esqueçam da Libras já que possui uma gramática bem diferente da L.P e pensem apenas em português, assim eu percebo um avanço maior.</p> <p>Outro avanço que percebi nas produções textuais foi a preocupação com a preposição, artigo, elementos de ligação, singular e plural, coisas que na Libras não é necessário e isso me mostra que realmente estão pensando em português”.</p>	<p>“Os resultados têm sido bem animadores. Como são alunos mais velhos, que já passaram pelo ensino fundamental, que voltaram porque sentiram dificuldades na leitura e na escrita da língua portuguesa, a receptividade é muito boa”.</p>

3) Como você ensina L.P para os alunos surdos nas oficinas? Quais as principais estratégias?

<b>Coordenador</b>	<b>Professora</b>	<b>Linguista</b>
<p>“Nunca ministrei as aulas das oficinas”.</p>	<p>“Explico a atividade em Libras e procuro utilizar os diferentes gênero textuais e em cada um o foco é outro. Então trabalho com reportagens, poemas, notícias e em cima do texto eles fazem uma escrita espontânea ou dando sua opinião acerca do que leram ou relatando o que entenderam dos fatos, etc.</p> <p>Eu os incentivo a ler muito em casa para ampliar o repertório e cada um utiliza um estratégia para realizar a leitura”.</p>	<p>Em relação às estratégias, oriento a professora a promover semanalmente atividades de leitura, de diferentes gêneros e tipos textuais. Após trabalhar a leitura, a professora pode pedir ou não ao grupo uma escrita coletiva, na qual a professora escreve na lousa, em português, o que os alunos contam na língua de sinais. A escrita individual é um passo necessário do processo. Por fim, a professora solicita a reescrita dos textos e para isso pode lançar mão de diferentes estratégias, como reescrita em grupo com base na produção de um aluno; reescrita em dupla da produção dos alunos; reescrita individual com base nas orientações da professora.</p>

4) Qual a importância da Língua Brasileira de Sinais no ensino da L.P para os adolescentes e adultos surdos?

<b>Coordenador</b>	<b>Professora</b>	<b>Linguista</b>
--------------------	-------------------	------------------

<p>“Acredito que quando a criança é imersa na língua brasileira de sinais desde pequena ela consegue estruturar melhor o português e tem menos dificuldade na aquisição dessa nova língua”.</p>	<p>“Com a Libras é a mesma coisa, ela que dará o arcabouço para que os alunos consigam compreender a L.P. Os alunos surdos são ótimos copistas mas não compreendem, muitas vezes, o que copiam e será a Libras que os ajudará em todo esse processo”.</p>	<p>“a língua de sinais vai permitir acesso ao conteúdo do texto, ampliação do conhecimento de mundo, que vai compor o conhecimento prévio, tão necessário para a compreensão do texto. Assim, pode-se afirmar que, embora de natureza diferente, a língua de sinais tem papel de intermediadora entre os alunos e a língua portuguesa”.</p>
---	---	---

5) Você acha que o fato do alunos serem mais velhos dificulta o ensino? Existe uma idade específica para iniciar o ensino de L.P para crianças surdas?

Coordenador	Professora	Linguista
<p>“posso afirmar que a motivação é o fator principal e isso ajuda muito no ensino de L.P”.</p>	<p>“Na minha opinião a idade não influencia, o que influencia é a motivação que cada um tem em aprender”.</p>	<p>“Atualmente um dos fatores que tem recebido destaque em relação ao aprendizado das línguas é a motivação”.</p>

6) Você acredita que alunos surdos filhos de pais ouvintes têm maior ou menor dificuldade no aprendizado da L.P do que os filhos de pais surdos? Ou não existe uma relação direta?

Coordenador	Professora	Linguista
<p>“Não existe uma pesquisa que comprove isso. No caso dos pais surdos que na sua maioria possuem a</p>	<p>“Depende muito mais do estímulo que a família proporciona do que a questão dos pais serem</p>	<p>“No entanto, o fato de os filhos de pais surdos chegarem à escola muitas vezes já com a língua de</p>

<p>Libras, conseguem fornecer uma base para seus filhos surdos para adquirirem a Libra também e assim mais tarde aprender a língua portuguesa.</p> <p>Isso não significa que filhos surdos com pais ouvintes não possam aprender a L.P mas com certeza terão um pouco mais de dificuldade”.</p>	<p>surdos ou não”.</p>	<p>sinais adquirida é um fator que pode contribuir para melhores resultados no aprendizado da língua portuguesa, mas não é regra”.</p>
---	------------------------	--

7) Quais são as principais diferenças que você acredita existir no ensino de L.P para os surdos e ouvintes?

<b>Coordenador</b>	<b>Professora</b>	<b>Linguista</b>
<p>“O ouvinte é apoiado na forma fonética e como ele possui outros canais de comunicação fica mais fácil de escrever e decodificar o que ouve. No caso do surdo seu único campo é a visão”.</p>	<p>“L.P para ouvintes você lê um texto na língua majoritária deles e por sua vez, eles possuem o recurso auditivo e visual.</p> <p>No ensino de L.P para surdos você lê em Libras para depois interpretar em L.P”.</p>	<p>“Os alunos ouvintes, quando chegam à escola e vão aprender a escrita e a gramática da língua portuguesa, já usam esta língua. Os alunos surdos, por outro lado, pela perda auditiva, geralmente chegam à escola com pouco conhecimento da língua portuguesa”.</p>

8) O que é necessário, na sua opinião, para uma inclusão de alunos com surdez nas escolas regulares?

<b>Coordenador</b>	<b>Professora</b>	<b>Linguista</b>
<p>“Apoio de intérprete de Libras, salas menos numerosas, alunos</p>	<p>“A inclusão de fato ainda não ocorreu pois não existem intérpretes e</p>	<p>Se ele for falante da língua portuguesa, os professores e os colegas devem ser</p>

<p>ouvintes com conhecimento de Libras para realmente haver troca e interação entre os colegas”.</p>	<p>muitas vezes desconhecem qualquer tipo de estratégia para lidar com o ensino do aluno surdo”.</p>	<p>orientados quanto a como se comunicar com estes alunos, já que a recepção da língua se dará por meio da leitura dos lábios e dos músculos da face.</p> <p>Se, no entanto, o aluno surdo for usuário da língua brasileira de sinais, ele vai necessitar de um intérprete ou professor interlocutor</p>
--	--	--

### **Psicopedagoga**

1- Como você ajuda os pacientes não ouvintes na aquisição da Língua Portuguesa?

R: Normalmente eles chegam “sem língua”, nem oral, nem Libras.

Alguns possuem fragmentos de oralidade e sinais domésticos criados pelas próprias famílias para se comunicarem entre eles. Quando chegam ao consultório, não eles não têm identidade própria.

A aquisição da Libras é o primeiro passo no processo psicopedagógico. As famílias encaminham para terapia tardiamente, pois tem esperanças dos surdos adquirirem a linguagem oral, quando percebem que isso não ocorrerá, procuram um especialista.

Trabalhar utilizando imagens ajudou a despertar o interesse da grande maioria dos pacientes, percebi que o processo de aquisição da leitura e escrita melhorou muito. Eu sempre começo focando em palavras e depois inicio com as frases. Mostro como é aquela palavra em libras e sou escriba do paciente, para ele ver como é escrito.

2- Quais métodos, procedimentos e trabalhos você realiza?

R: Eu trabalho inicialmente com questões anteriores a aprendizagem. Não posso começar um trabalho logo ensinando a língua de sinais, então eu acolho esse paciente, crio um vínculo afetivo com ele através de jogos e o que ele me mostra que tem interesse e consigo entrar no emocional, social, afetivo, para depois chegar às questões escolares.

Todo o meu processo de diagnóstico envolve cognição, memória, planejamento, antecipação, lateralidade e a subjetividade. A subjetividade para mim é o principal, o ponto de partida, então na anamnese eu procuro saber como essa criança era quando nasceu como a família o enxerga quem fala por ele, qual o seu papel dentro daquele contexto familiar, sua modalidade de aprendizagem, ou seja, toda a parte individual do paciente e sua trajetória até chegar ali.

3- Quais são as queixas mais comuns e como esses pacientes chegam até você?

R: As queixas mais frequentes na escola de surdos que atendo são as dificuldades de aprendizagem, comportamento e aquisição da oralidade. Os pais não aceitam a surdez e acreditam que a psicopedagoga vai resolver. Nesse momento tenho que explicar que isso não é possível, que os atendimentos não farão o paciente ouvir. Os pais colocam o surdo como incapaz, não conseguem enxergar as qualidades, apenas as dificuldades, e não o estimulam em casa.

A demanda é muito mais da família, pois querem encontrar um “culpado pela imperfeição” do filho.

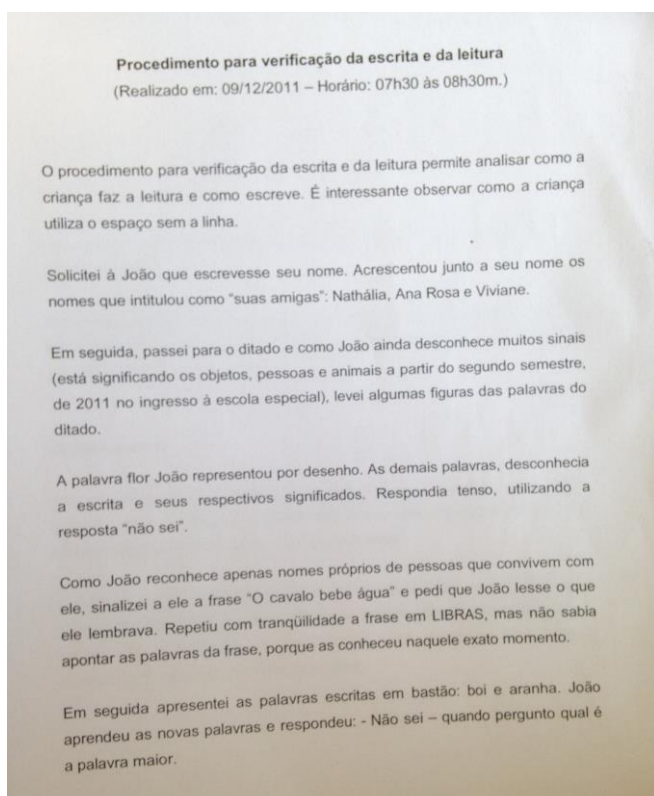
Os encaminhamentos são feitos pela própria escola de surdos.

No meu consultório, os encaminhamentos são feitos pelas escolas da região e as queixas são dificuldades de aprendizagem no geral e questões psíquicas somadas à surdez, como por exemplo, paralisia cerebral, nervosismo, ansiedade, psicose, etc. Muitos tomam medicamento.

4- Como se dá o processo de diagnóstico/avaliação?

R: No meu consultório eu faço o diagnóstico utilizando os mesmos materiais tanto para surdos, como para ouvintes. Apenas lembrando que, esse processo com o surdo ocorre apenas após a aquisição da Libras, pois necessito criar um meio de comunicação com o paciente.

1. Hora do Jogo – jogo do rabisco
2. Hora do jogo – jogos psicopedagógicos + livros + caixa lúdica
3. Desenho do par educativo
4. Desenho da família cinética
5. Reconstrução da história de vida
6. Provas de Piaget
7. Verificação de leitura e escrita – Eu falava “cachorro” em Libras, por exemplo, e escrevia a palavra para o paciente ver como era e mostrava a imagem.
8. Prova de raciocínio lógico-matemático



### **3 ANÁLISE DAS RESPOSTAS**

#### **3.1 Discussão das respostas das entrevistas**

Com base nas respostas dos quatro entrevistados, pode-se verificar que os quatro trabalham e parceria em prol de uma educação de qualidade para os alunos surdos, sempre discutindo melhores estratégias, materiais didáticos atuais e planejando atividades que serão significativas para o desenvolvimento deles no aprendizado da língua portuguesa escrita. Pelo fato das respostas serem bem parecidas em praticamente todas as perguntas, conclui-se, apesar de possuírem cargos diferentes dentro da mesma instituição, todos têm um pensamento e um mesmo desejo, que o surdo tenha seu espaço na sociedade independente das suas diferenças, e que a língua portuguesa deve ser ensinada como segunda língua, sendo Libras a primeira língua.

Nota-se, nas respostas dos entrevistados, uma grande preocupação com a questão da leitura, e por esta razão os alunos são diariamente incentivados a ler diferentes gêneros e tipos de textos e são expostos a atividades sistemáticas de leitura e escrita, pois como o seu único recurso é visual a leitura lhe trará uma



ampliação de vocabulário e de conhecimento de mundo. Dessa forma cada aluno acaba por utilizar uma estratégia diferente no momento da leitura: uns sublinham as palavras desconhecidas para poder perguntar depois, outros se preocupam mais com a ideia global do texto. Destaca-se aqui a função do dicionário como um grande aliado dos alunos

Os alunos surdos, segundo os entrevistados, apresentam grandes dificuldades na escrita da língua portuguesa não por conta da surdez e sim pela falta de conhecimento da língua portuguesa escrita e será a leitura que os auxiliará na aquisição dessa nova língua, tendo como base sempre a Língua Brasileira de Sinais. É a Libras que dará o arcabouço para que os alunos compreendam a língua portuguesa, ela que vai permitir o acesso ao conteúdo dos textos, ampliação de conhecimento e, quanto mais cedo a criança surda foi imersa na língua de sinais, menos dificuldades ela terá na aquisição dessa nova língua.

Vale ressaltar que os quatro entrevistados acreditam que não existe uma idade específica para iniciar o ensino da língua portuguesa para os alunos surdos e que o fator principal para se obter sucesso no ensino é a motivação deles e não a idade.

Os alunos ouvintes, quando chegam à escola, já possuem conhecimento da língua portuguesa, os alunos surdos não, sendo seu único recurso a visão. Quanto ao fato de serem filhos ou não de pais surdos, os entrevistados acreditam que não influencia no ensino da língua portuguesa, visto que o que vai determinar uma maior ou menor facilidade para o aprendizado de uma nova língua é o estímulo que ele recebe em casa, independente da condição das pais.

Por fim, quando falamos de inclusão, todos concordaram que no Brasil ainda não existe de fato uma política pública que contemple os surdos em suas especificidades.

Segundo os entrevistados, os professores de escolas públicas recebem muitos alunos em sala de aula e não conseguem dar a atenção necessária que o surdo necessita. Muitas vezes esses mesmos professores desconhecem qualquer tipo de estratégia para lidar com a diferença do aluno, que, por sua vez, acaba por ser excluído da vida escolar por não compreender o que passa ao seu redor.

A falta de intérpretes dificulta muito o ensino dos surdos que acabam passando de ano de forma automática sem ao menos aprenderem o básico referente à sua faixa etária. Aulas na modalidade bilíngue e um maior interesse

político são pequenos passos que devem ser repensados para começar a falar de inclusão

#### **4 RELAÇÃO DO TEMA COM A PSICOPEDAGOGIA**

Para Souza e Vasconcelos (2012), o psicopedagogo está buscando ao longo dos anos por uma definição para a sua formação, atuação e identidade, porém o psicopedagogo é um profissional que poderá ajudar os alunos a superarem suas dificuldades de aprendizagem, compreender o processo escolar e descobrirem o potencial que existe em cada um.

Ele também poderá oferecer a possibilidade de resgatar a própria autoestima e a motivação para a aprendizagem mostrando que através do próprio esforço o aluno poderá aprender e se desenvolver com prazer.

O ser humano é o objeto central de estudo do psicopedagogo, observando também seus padrões evolutivos normais e patológicos, não excluindo a influência do meio que geralmente é produzida pela família, pela escola e pela sociedade no desenvolvimento do ser humano como um todo, procurando desenvolver seu estudo de atenção na reação do sujeito diante de suas tarefas levando em consideração: os bloqueios, hesitações, lapsos, repetição, resistências e angustias, cabe ao profissional saber como se constitui o indivíduo, como ele se modifica ao longo das etapas da vida: seus recursos de conhecimento, a forma como produz conhecimento, a forma como produz conhecimento e como aprende.

A aprendizagem é um processo complexo, por isso muitas vezes surgem dificuldades produzidas por falhas na metodologia utilizada em sala de aula, porém hoje a maior preocupação do psicopedagogo é evitar ou minimizar o fracasso escolar, facilitando o processo de aprendizagem cognitivo, afetivo e social. Na instituição escolar o psicopedagogo atuará numa ação preventiva, deverá adotar uma postura crítica frente ao fracasso escolar, visando novas mudanças de ações voltadas para a melhoria da prática pedagógica nas escolas, como forma de prevenção onde o professor possa ensinar com prazer e o aluno também aprenda com prazer.

Pires e Eder (2012), o psicopedagogo deve compreender as inter-relações de vários fatores: hereditários, sociais, culturais, pedagógicos, psicológicos e ou/ médicos. Tudo isso para compreender de forma global o desenvolvimento da criança e não cometer o erro de fazer avaliações superficiais que estigmatizem o aluno, reforçando suas dificuldades e causando uma baixa autoestima e pré-conceitos do professor com relação a ele. A educação dos surdos e a educação regular tem sofrido uma sustentação teórica muito ligada a clinalização dos fracassos. As crianças são avaliadas por médicos, psicólogos que diagnosticam seus “problemas” e geralmente o professor passivo, não consegue resolver os impasses em sala de aula, por ser um caso médico, na surdez essa tendência se reforça ainda mais pois, os surdos são privados; impedidos por sua deficiência auditiva, esta criança precisa ser normalizada para que sua vida seja mais parecida possível com a dos ouvintes.

Levando em conta a importância do psicopedagogo no processo de ensino aprendizagem, temos que ter um olhar individualizado para a questão da surdez, que é foco central desse trabalho, e como essas crianças chegam nas escolas e as dificuldades que apresentam por não saberem a língua brasileira de sinais ou também, pelos profissionais que atuam com elas, não terem esse conhecimento. Algumas pesquisas sobre a língua de sinais e o desenvolvimento psicológico do surdo são norteadas pelas idéias de Furth.

O processo de aquisição da língua de sinais deve acontecer de forma natural e muito cedo ou o quanto antes possível para auxiliar o desenvolvimento lingüístico, cognitivo e a vivência social do deficiente auditivo (NUNES, 2011).

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2012 no seu artigo 1º, reconhece a Língua Brasileira de Sinais como um instrumento legal de comunicação e expressão e no

parágrafo único diz que a língua de sinais é uma forma de comunicação e expressão de natureza visual-motora de estrutura gramatical própria com um sistema de transmissão de idéias e fatos característicos das pessoas surdas do Brasil.

Para Pires (2012), têm-se observado grandes avanços, porém ainda muitos desafios na questão de atender as necessidades do deficiente auditivo e ressalta que o ser cidadão permite que todos os seres humanos com suas particularidades devem usufruir plenamente desse direito à cidadania.

Para que isso ocorra serão necessárias mudanças exigidas por leis e políticas públicas que garantam o acesso de pessoas com necessidades especiais em todos os campos da sociedade e também se faz necessário existirem profissionais habilitados para atender este grupo de pessoas, pois a comunidade surda depende da Língua de sinais para ter acesso à escola e para identificar seus pares e para preservar a sua cultura (PIRES, 2012). O Psicopedagogo poderá atuar para contribuir com esse processo, Souza e Vasconcelos (2012) afirmam que o psicopedagogo poderá ajudar os alunos surdos a superarem as suas dificuldades. Este profissional também poderá realizar mudanças nos planejamentos escolares de forma que favoreça mais o aluno surdo e previna futuras dificuldades com novos alunos.

Para Pires e Eder (2012) o psicopedagogo deve analisar e compreender as interpelações de fatores hereditários, sociais, culturais, pedagógicos, psicológicos e ou médicos, compreendendo melhor o desenvolvimento da criança e deverá rever métodos e ter um olhar diferenciado valorizando a cultura do surdo.

Com um trabalho interdisciplinar, o psicopedagogo deverá avaliar os fatores que interferem no aprendizado do surdo e levar em consideração seus conhecimentos prévios. Vercelli (2012) ressalta a importância do papel deste profissional para analisar, orientar e auxiliar o aluno surdo, os professores e até mesmo a família desses alunos. Escola, pais e alunos deverão confiar no trabalho do psicopedagogo e estarem abertos às mudanças necessárias indicadas por este profissional que com certeza irá favorecer o processo de aprendizagem dos alunos surdos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O problema central desse trabalho era conhecer como ocorriam os atendimentos psicopedagógicos com os pacientes surdos. Se, por conta dessa especificidade, existiam estratégias e metodologias diferenciadas para se trabalhar com essas crianças. Outra dúvida era saber dos avanços desses pacientes no processo terapêutico, as formas de avaliação para se chegar em um diagnóstico, as queixas mais comuns e como a psicopedagoga ajudava os pacientes surdos na aquisição da LIBRAS.

Minha hipótese inicial é que o trabalho com as crianças surdas, era totalmente diferente do trabalho realizado com crianças ouvintes. Essa hipótese não se concretizou.

O que pude ver e analisar com essa pesquisa é que o trabalho psicopedagógico com os surdos encaminha-se da mesma forma que com os

pacientes ouvintes, porém é importante que a psicopedagoga saiba a Língua Brasileira de Sinais, pois essa é a primeira língua do surdo e será através dela que a terapeuta e o paciente se comunicarão.

O fator principal mais agravante que contribui para o fracasso escolar dos surdos são os problemas lingüístico-cognitivos, uma vez que, o bebê que nasce surdo balbucia como um de audição normal, mas suas emissões começam a desaparecer à medida que não tem acesso à estimulação auditiva externa, fator de máxima importância para a aquisição da linguagem oral. Portanto, não adquire a fala como instrumento de comunicação, uma vez que não a percebendo, não se interessa por ela, e não havendo um "feed back" auditivo, não possui modelo para dirigir suas emissões.

Dizer que o surdo tem direito a ter uma educação onde a língua de instrução é a Língua de Sinais e é ela quem dará toda a base para que ele aprenda a língua portuguesa na modalidade escrita é muito recente.

Até a década de 80, no Brasil, os objetivos das escolas para surdos era oralizar os alunos e, dessa maneira, o ensino de Língua Portuguesa se dava na modalidade oral, o que resultou em um ensino padronizado e sistematizado da língua portuguesa onde os alunos só conseguiam formar frases estereotipadas dentro de um determinado contexto.

Após muitas reivindicações dos surdos para ter uma educação de qualidade contemplando as especificidades que eles possuem, é que surge o bilinguismo.

A filosofia bilíngue defende a idéia de que o surdo não necessita de uma vida igual a dos ouvintes baseada na oralidade, por possuírem sua própria comunidade e própria língua, e reconhece a língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua, no caso dos alunos surdos brasileiros. Sendo segunda língua, a aquisição da língua portuguesa, se dará com base na Língua Brasileira de Sinais.

Como para os alunos ouvintes, o objetivo do ensino da língua portuguesa escrita para os surdos deve ser promover a compreensão e a produção de textos e não de palavras e frases isoladas, daí a importância de se trabalhar muito bem o texto, inicialmente na língua brasileira de sinais. Esta prática serve como base para que os alunos formulem suas hipóteses sobre como funciona a língua portuguesa. A tarefa do professor é viabilizar o acesso do aluno surdo ao universo dos textos que circulam socialmente e ensinar a produzi-los. Desta forma, o aluno surdo poderá

aprender o sistema da língua como também ampliar seu conhecimento letrado (PEREIRA, 2011).

Visando refletir sobre como a Língua Portuguesa escrita tem sido ensinada para adolescentes e adultos surdos foram realizadas entrevistas com quatro profissionais que atuam em oficinas de ensino de língua portuguesa em uma escola bilíngue para surdos, em São Paulo e a entrevista com a psicopedagoga.

Segundo os entrevistados o aluno surdo deve ser inserido em um contexto bilíngue onde a primeira língua é a língua brasileira de sinais e a língua portuguesa é a segunda, e deve ser ensinada na modalidade escrita. As oficinas de língua portuguesa têm contribuído para que os alunos consigam aprimorar seus conhecimentos na língua portuguesa e assim atuem de maneira ativa na sociedade.

Os quatro entrevistados ressaltaram que a motivação dos alunos contribui muito para que eles consigam atingir seus objetivos, o que está de acordo com Solé (1998) para quem a motivação é um dos elementos que interferem na compreensão do texto. A autora ressalta que, para uma pessoa se envolver em uma atividade de leitura, é necessário que se sinta capaz de ler, de compreender o texto que tem nas mãos de forma autônoma ou contando com a ajuda de uma pessoa mais experiente, caso contrário, o que poderia ser um prazer pode provocar desânimo, desmotivação e abandono da tarefa. embora que uma atividade pode ser motivadora se o conteúdo for de interesse da pessoa que tem de ler e se a tarefa tiver um objetivo.

Como contribuição para a educação, este trabalho evidencia a importância de se expor os alunos surdos, crianças, adolescentes ou adultos, a um trabalho sistemático de leitura e escrita, o que com certeza contribuirá para que eles aprendam e usem adequadamente a Língua Portuguesa. Cabe aos profissionais que atuam com esses alunos proporcionar o acesso a materiais e atividades adequadas para que eles possam desenvolver todas as suas potencialidades.

A Psicopedagogia, por sua vez estuda o processo de construção do conhecimento, buscando decifrar elementos que podem estar travando essa aprendizagem, procurando trabalhar com ferramentas e estratégias de aprendizagem que faça o indivíduo superar essas dificuldades. Inserida como fator de suma importância no processo de ensino aprendido, o psicopedagogo, em parceria com a escola e a família, visa disponibilizar novas técnicas metodológicas de ensino para adequar-se a realidade do aluno com surdez, assim como em

relação ao seu desenvolvimento psicossocial, que é um dos grandes obstáculos para o aprendizado da língua portuguesa, visto que essa dificuldade pode gerar consequências negativas para a aprendizagem que poderão ser irreversíveis no desenvolvimento, se não for oferecido o adequado acesso à aquisição de uma língua de forma natural.

A mediação do psicopedagogo no ensino da escrita é realizada como estratégia para alcançar objetivos específicos, levantando e mostrando-a como função essencial e social da aprendizagem. O psicopedagogo media procedimentos metodológicos, possibilitando ao paciente ativar suas habilidades comunicativas naturalmente interagindo-os com o meio social e os conteúdos determinados em sala de aula, possibilitando ao surdo progresso na produção textual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BAPTISTA, M.M.B. da S. Alunos surdos: aquisição da língua gestual e ensino da**

**língua portuguesa.** Actas do I EIESP. Exedra, 9, março 2010, 197-207.

**BRITO, L.F. Integração social do surdo.** In: Trabalhos em Lingüística Aplicada, nº 7,p.13-22, 1986.

**CAGLIARI, L.C. A respeito de alguns fatos do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças na alfabetização.** In ROJO, R. (Org). Alfabetização e letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, 61-86.

**CARVALHO, Naiana Santos. Surdez e Bilingüismo : perspectivas, possibilidades e práticas na educação para surdos /Naiana Santos Carvalho .** Salvador, 2010.103f.



**FERNANDES, E. O som: este ilustre desconhecido.** In C. SKLIAR (org.) Atualidade da educação bilingüe para surdos. Volume 2. Porto Alegre, RS: Editora Mediação, 1999, 95-102.

**FERNANDES, S. É possível ser surdo em português? Língua de sinais e escrita: em busca de uma aproximação.** In: SKLIAR, C. (Org). Atualidade da educação bilíngue para surdos. Porto Alegre: Mediação, 1999. V. 2, p. 59-81.

\_\_\_\_\_. **Letramentos na educação bilíngue para surdos.** In A.P. Berberian; C. M-de Angelis; G. Massi (org.) Letramento – referências em saúde e educação. São Paulo: Plexus Editora, 2006, 117-144.

**FULGÊNCIO, L.; LIBERATO, Y. FULGÊNCIO, L.; LIBERATO, Y. A leitura na escola.** 2ª edição. São Paulo: Contexto. ensino), 2001

\_\_\_\_\_. **Como facilitar a leitura.** 7ª edição. São Paulo: Contexto, 2003.

LANE, H.; HOFFMEIS TER, R.; BAHAN, B.A journey into the Deaf-World. California: DawnSign Press, 1996.

**KLEIMAN, A. Texto e Leitor – Aspectos cognitivos da leitura.** 9ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2004.

**KOCH, I.V. O texto e a construção dos sentidos.** 5ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

**MOORES, D.F. Educating the deaf: psychology, principles and practices.** 4ª ed. Boston: Houghton Mifflin, 1996.

**MOURA, D.R. O uso de Libras no ensino de leitura de Português como segunda língua para surdos.** Um estudo de caso em uma perspectiva bilíngue. 2008. Tese (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

**PEREIRA, M.C.C. (org.). Leitura, escrita e surdez.** Secretaria da Educação, CENP/CAPE. São Paulo: FDE, 2005, 12-19.

\_\_\_\_\_. **A constituição de sentidos na leitura e na escrita por alunos surdos.** In: Enicéia Gonçalves Mendes; Maria Amelia Almeida. (Org.) *Das margens ao centro: perspectivas para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva.* Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2010, 325-332.

\_\_\_\_\_. **Aquisição da Língua Portuguesa escrita por crianças surdas.** *Anais do I Simpósio Internacional de Ensino da Língua Portuguesa - SIELP. Volume 1, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2011.*

**QUADROS, R.M. de. Educação de surdos – a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

**QUADROS, R.M.; SCHMIEDT, M.L.P. Idéias para ensinar português para alunos surdos.** Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SÃO PAULO (SP) Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para a Educação Infantil e Ensino Fundamental: Língua Brasileira de Sinais.** São Paulo: Secretaria Municipal de Educação/Diretoria de Orientação Técnica, 2008.

**SCHLESINGER, H.; MEADOW, K. The acquisition of bimodal language.** In I.M. Schlesinger & L. Namir (orgs.) *Sign Language of the deaf.* New York: Academic Press, 1978.

**SOLÉ, I. Estratégias de leitura.** 6. Ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

**SVARTHOLM, K. Aquisição de segunda língua por surdos.** Rio de Janeiro: Revista Espaço, jun. 1998, 38-45.

\_\_\_\_\_. **Como leerles a los sordos?** In [www.sitiodesordos.com.ar](http://www.sitiodesordos.com.ar), 2003.

**PIRES, C.L.; EDER, M.S. Educação de surdos e fracasso escolar.** *Revista Educação Especial.* Editora 2000, número 15, Brasil, 2012.

**SOUZA, E.F. VASCONCELOS T.C. O papel do Psicopedagogo no contexto atual.** *Revista Rebes*, Pombal- PB, Brasil, vol.2, n 1, pág. 53-58, 2012.

**NUNES, J.D. Discutindo metodologias e a importância do intérprete em libras.** *Psicopedagogia Clínica e Institucional*, bdm.bce.unb.br, 2011.

PIRES, E. M.; OLIVEIRA, M. P. 1 curso, em âmbito nacional, de Pós graduação lato sensu em formação de professores para educação de pessoas surdas. *Anuário discente*, Volume 1, n 1, 2012.

**SOUZA, E.F. VASCONCELOS T.C. O papel do Psicopedagogo no contexto atual.** *Revista Rebes*, Pombal- PB, Brasil, vol.2, n 1, pág. 53-58, 2012.

**VERCELLI, L. C. A. O trabalho do psicopedagogo institucional.** *Revista Espaço Acadêmico*, número 139, dezembro, 2012.

## **ANEXOS**

### **COMENTÁRIOS DAS RESPOSTAS**

#### **Entrevista com o coordenador.**

1) Comente sua experiência com as oficinas de L.P para adolescentes e adultos surdos.

R: As oficinas de língua portuguesa iniciaram em 2012 e eu estou como coordenador desde então discutindo também textos e melhores estratégias. Elas surgiram da necessidade de alfabetizar alunos que recebíamos do Estado que cursavam o fundamental 2 porém, não sabiam ler e escrever e adultos já ingressados no mercado de trabalho que também tinham dificuldades na leitura e escrita da língua portuguesa.

2) Quais são os resultados que você obteve até agora com as oficinas de L.P?

R: Os resultados são a melhoria na produção textual dos alunos, ampliação de vocabulário, uso correto de artigos, preposições e elementos de ligação.

Quando o alunos entra na oficina, é feita uma produção escrita que é usada como comparativo de resultados, como base.

As oficinas possuem dois níveis, o nível 1 estão os alunos com maior dificuldade e o nível 2 são os que possuem um maior conhecimento da língua portuguesa.

Percebemos que muitos alunos, principalmente os do nível 2 se sentem mais confiantes e motivados quando percebem os avanços que alcançaram e querem até prestar a prova para ingressar no outro curso que temos de T.I (tecnologia da informação) e assim trabalharem na área.

3) Como você ensina L.P para os alunos surdos nas oficinas? Quais as principais estratégias?

R: Nunca ministrei as oficinas de língua portuguesa.

4) Qual a importância da Língua Brasileira de Sinais no ensino da L.P para os adolescentes e adultos surdos?

R: Acredito que quando a criança é imersa na língua brasileira de sinais desde pequena ela consegue estruturar melhor o português e tem menos dificuldade na aquisição dessa nova língua.

A criança surda quando forçada a aprender L.P sem uma estruturação da Libras, chega na fase de alfabetização com muita defasagem.

Os alunos do T.I que trabalham na área, são aqueles que estudaram na Derdic desde a infância e assim conseguem ingressar no mercado de trabalho com maior facilidade.

5) Você acha que o fato do alunos serem mais velhos dificulta o ensino? Existe uma idade específica para iniciar o ensino de L.P para crianças surdas?

R: Acredito que o melhor para a criança é ser alfabetizada na idade entre 6 e 7 anos mas isso não acontece com a maioria dos alunos que procuram a Derdic.

Se o alunos não estudou desde sempre na Derdic ele nos procura para conseguir mudar de vida, arrumar um emprego, aumentar o salário, então posso afirmar que a motivação é o fator principal e isso ajuda muito no ensino de L.P.

Já recebemos estudante de 36 anos por exemplo que saia do Grajaú para vir aqui aprender L.P e com a força de vontade dela, ela se formou no fundamental 2 e até chorou quando pela primeira vez conseguiu redigir um texto que estava na sua cabeça a anos.

A idade não influencia se existe a vontade de aprender.

6) Você acredita que alunos surdos filhos de pais ouvintes têm maior ou menor dificuldade no aprendizado da L.P do que os filhos de pais surdos? Ou não existe uma relação direta?

R: Não existe uma pesquisa que comprove isso mas da mesma maneira (pela minha experiência) que pais ouvintes que não foram alfabetizados, com certeza seus filhos terão dificuldades na aquisição de L.P porque ele não possui uma base em casa, ele possui buracos de linguagem, ele não compreende a função social da leitura e da escrita.

No caso dos pais surdos que na sua maioria possuem a Libras, conseguem fornecer uma base para seus filhos surdos para adquirirem a Libras também e assim mais tarde aprender a língua portuguesa.

Isso não significa que filhos surdos com pais ouvintes não possam aprender a L.P mas com certeza terão um pouco mais de dificuldade.

7) Quais são as principais diferenças que você acredita existir no ensino de L.P para os surdos e ouvintes?

R: O ouvinte é apoiado na forma fonética e como ele possui outros canais de comunicação fica mais fácil de escrever e decodificar o que ouve. No caso do surdo seu único campo é a visão e com isso o ensino fica mais restrito e gera uma maior dificuldade.

8) O que é necessário, na sua opinião, para uma inclusão de alunos com surdez nas escolas regulares?

R: Apoio de intérprete de Libras, salas menos numerosas, alunos ouvintes com conhecimento de Libras para realmente haver troca e interação entre os colegas. Aulas na modalidade bilíngue e um maior interesse político.

## Entrevista com a professora

1) Comente sua experiência com as oficinas de L.P para adolescentes e adultos surdos.

R: Estou há dois anos ministrando as oficinas de língua portuguesa, antes eu dava aula para o EJA porém era uma outra proposta e outra grade curricular.

A ideia das oficinas já havia sido cogitada anteriormente mas tomou força com a crescente demanda de alunos que precisavam aprimorar seu conhecimento em língua portuguesa. Às vezes é solicitado pela própria empresa pois muitos funcionários surdos não compreendiam e-mails, solicitações e acabavam pedindo ajuda de terceiros.

2) Quais são os resultados que você obteve até agora com as oficinas de L.P?

R: Os alunos normalmente terminaram o ensino médio com algum conhecimento de língua portuguesa porém, não conseguiam aplicar aquele conhecimento na prática.

Nas aulas eu solicito que esqueçam da Libras já que possui uma gramática bem diferente da L.P e se pensem apenas em português, assim eu percebo um avanço maior.

Outro avanço que percebi nas produções textuais, foi a preocupação com a preposição, artigo, elementos de ligação, singular e plural, coisas que na Libras não é necessário e isso me mostra que realmente estão pensando em português.

“É muito gratificante, espero que eles levem isso para frente”.

3) Como você ensina L.P para os alunos surdos nas oficinas? Quais as principais estratégias

R: Explico a atividade em Libras e procuro utilizar os diferentes gênero textuais e em cada um o foco é outro. Então trabalho com reportagens, poemas, notícias e em cima do texto eles fazem uma escrita espontânea ou dando sua opinião acerca do que leram ou relatando o que entenderam dos fatos, etc.

Sempre é feito um “check list” junto comigo antes de iniciarem a produção como por exemplo o tempo verbal a ser utilizado, gênero (masculino/feminino) e o tipo de texto.

A aula é uma relação dialética, por acredito que essa troca é muito importante para o desenvolvimento deles na oficina.

Eles se interessam muito por notícias de morte porque muitas vezes veem no jornal alguma coisa, mas não compreendem o que aconteceu e acabam por trazerem isso para as aulas e eu discuto com eles.

Eu os incentivo a ler muito em casa para ampliar o repertório e cada um utiliza um estratégia para realizar a leitura. Uns sublinham palavras desconhecidas outros já se preocupam mais com o contexto geral.

O dicionário é um grande aliado.

4) Qual a importância da Língua Brasileira de Sinais no ensino da L.P para os adolescentes e adultos surdos?

R: É como ensinar inglês para um aluno que não domina a gramática inglesa a primeira estratégia que ele vai utilizar é a tradução para sua língua materna.

Com a Libras é a mesma coisa, ela que dará o arcabouço para que os alunos consigam compreender a L.P.

Os alunos surdos são ótimos copistas mas não compreendem, muitas vezes, o que copiam e será a Libras que os ajudará em todo esse processo.

5) Você acha que o fato do aluno serem mais velhos dificulta o ensino? Existe uma idade específica para iniciar o ensino de L.P para crianças surdas?

R: Recebemos alunos que já possuem uma bagagem apesar de não terem se apropriado muito dela e eles procuram as oficinas justamente para aprimorar o conhecimento de L.P. Diferente de quando eu trabalhava com o EJA que eles não tinham esse fator motivacional.

Na minha opinião a idade não influencia, o que influencia é a motivação que cada um tem em aprender.

6) Você acredita que alunos surdos filhos de pais ouvintes têm maior ou menor dificuldade no aprendizado da L.P do que os filhos de pais surdos? Ou não existe uma relação direta?

R: Depende muito mais do estímulo que a família proporciona do que a questão dos pais serem surdos ou não.

O que influencia é a formação cultural dos pais e não a surdez. O prazer pela leitura vem de casa, a criança adquire o hábito vendo os pais lerem.

7) Quais são as principais diferenças que você acredita existir no ensino de L.P para os surdos e ouvintes?

R: No ensino de L.P para ouvintes você lê um texto na língua majoritária deles e por sua vez, eles possuem o recurso auditivo e visual.

No ensino de L.P para surdos você lê em Libras para depois interpretar em L.P e considerando que as gramáticas são bem diferentes também.

8) O que é necessário, na sua opinião, para uma inclusão de alunos com surdez nas escolas regulares?

R: A inclusão de fato ainda não ocorreu pois não existem intérpretes, as professoras recebem muitos alunos em sala e muitos deles com diversas questões e por conta disso não conseguem dar atenção ao surdo. Muitas vezes desconhecem qualquer tipo de estratégia para lidar com o ensino do aluno surdo.

As crianças que chegam de escolas regulares para a Derdic são crianças que não absorveram quase nada do conhecimento e por vezes possuem até traumas.

### **Entrevista com a linguísta**

1) Comente sua experiência com as oficinas de L.P para adolescentes e adultos surdos.

R: Nas oficinas de língua portuguesa que são oferecidas na escola bilíngue de educação básica do Instituto Educacional São Paulo (IESP), da Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (DERDIC) eu dou assessoria ao trabalho da professora. Oriento todo o processo, desde o planejamento das atividades, a escolha dos gêneros e dos tipos textuais a ser trabalhados, bem como o conteúdo da gramática a ser ensinado. Após cada oficina, as produções escritas dos alunos me são entregues e eu procedo à avaliação delas, considerando a compreensão e o uso da língua portuguesa. A avaliação é processual, ou seja, parte do desempenho inicial do aluno e acompanha o seu



progresso ao longo das aulas, permitindo um acompanhamento longitudinal de cada aluno.

2) Quais são os resultados que você obteve até agora com as oficinas de L.P?

R: Os resultados têm sido bem animadores. Como são alunos mais velhos, que já passaram pelo ensino fundamental, que voltaram porque sentiram dificuldades na leitura e na escrita da língua portuguesa, a receptividade é muito boa, apesar das dificuldades que alguns apresentam no uso da língua portuguesa. Todos apresentam progressos ao longo do trabalho, embora não se possa afirmar que cheguem ao mesmo ponto. O progresso depende principalmente do desenvolvimento do conhecimento da língua portuguesa, o que para os alunos surdos se dá por meio da leitura. Observa-se que os alunos que leem mais, se saem melhor no uso da língua portuguesa. No entanto, todos apresentam ganhos nas oficinas.

3) Como você ensina L.P para os alunos surdos nas oficinas? Quais as principais estratégias?

R: Como expliquei na primeira questão, eu não ensino; eu assessoro a professora. Apesar de a professora ser formada para dar aula para alunos surdos e ter muitos anos de experiência, a orientação que dou, como linguista da instituição, é que o ensino da L.P. focalize textos e não palavras isoladas, que enfatize primeiramente o uso da língua e depois reflexão sobre a sua gramática. Em relação às estratégias, oriento a professora a promover semanalmente atividades de leitura, de diferentes gêneros e tipos textuais. Após trabalhar a leitura, a professora pode pedir ou não ao grupo uma escrita coletiva, na qual a professora escreve na lousa, em português, o que os alunos contam na língua de sinais. A escrita individual é um passo necessário do processo. Por fim, a professora solicita a reescrita dos textos e para isso pode lançar mão de diferentes estratégias, como reescrita em grupo com base na produção de um aluno; reescrita em dupla da produção dos alunos; reescrita individual com base nas orientações da professora.

4) Qual a importância da Língua Brasileira de Sinais no ensino da L.P para os adolescentes e adultos surdos?

R: Considerando que a perda auditiva dificulta ou mesmo impede o acesso à língua portuguesa na modalidade oral e, conseqüentemente, compromete a aquisição da fala. Pelo fato da língua de sinais ser visual-espacial, ela não oferece nenhuma dificuldade para ser adquirida pelos alunos surdos e, assim, deve ser usada não só na comunicação como também no ensino dos conteúdos escolares.

Em relação ao ensino da L.P., a língua de sinais vai permitir acesso ao conteúdo do texto, ampliação do conhecimento de mundo, que vai compor o conhecimento prévio, tão necessário para a compreensão do texto. Assim, pode-se afirmar que, embora de natureza diferente, a língua de sinais tem papel de intermediadora entre os alunos e a língua portuguesa. No entanto, cabe destacar que o aprendizado da língua portuguesa requer mais do que exposição à língua de sinais. É pela visão que os alunos surdos vão aprender a língua portuguesa, daí a importância da leitura.

5) Você acha que o fato dos alunos serem mais velhos dificulta o ensino? Existe uma idade específica para iniciar o ensino de L.P para crianças surdas?

R: Atualmente um dos fatores que tem recebido destaque em relação ao aprendizado das línguas é a motivação. Com base nesta ideia, os alunos mais velhos apresentam mais dificuldade do que os mais novos para aprender a língua portuguesa e muitos já vivenciaram situações de fracasso e de frustração. No entanto, eles demonstram muito interesse em aprender e, assim, o ensino não é mais difícil pelo fato dos alunos serem mais velhos. Pode ser mais lento, mas não mais difícil.

6) Você acredita que alunos surdos filhos de pais ouvintes têm maior ou menor dificuldade no aprendizado da L.P do que os filhos de pais surdos? Ou não existe uma relação direta?

R: Não existe uma relação direta entre o aprendizado da língua portuguesa por alunos surdos, filhos de pais surdos e de pais ouvintes. No entanto, o fato de os filhos de pais surdos chegarem à escola muitas vezes já com a língua de sinais adquirida é um fator que pode contribuir para melhores resultados no aprendizado da língua portuguesa, mas não é regra.

7) Quais são as principais diferenças que você acredita existir no ensino de L.P para os surdos e ouvintes?

R: Os alunos ouvintes, quando chegam à escola e vão aprender a escrita e a gramática da língua portuguesa, já usam esta língua. Os alunos surdos, por outro lado, pela perda auditiva, geralmente chegam à escola com pouco conhecimento da língua portuguesa. Por muitos anos, os surdos foram ensinados como os ouvintes e os resultados foram tão ruins que motivou a implantação do bilinguismo. Nele, os alunos surdos vão adquirir primeiramente a língua de sinais e, com base nela, vão ser inseridos no ensino da língua portuguesa como segunda língua.

8) O que é necessário, na sua opinião, para uma inclusão de alunos com surdez nas escolas regulares?

R: Para que os alunos surdos possam ser incluídos nas escolas regulares é necessário, a meu ver, antes de mais nada, que eles tenham acesso ao conteúdo e que possam interagir com colegas e professores. Para isso, é imprescindível que ele adquira uma língua antes de ser incluído com os ouvintes.

Se ele for falante da língua portuguesa, os professores e os colegas devem ser orientados quanto a como se comunicar com estes alunos, já que a recepção da língua se dará por meio da leitura dos lábios e dos músculos da face.

Se, no entanto, o aluno surdo for usuário da língua brasileira de sinais, ele vai necessitar de um intérprete ou professor interlocutor, além de atendimento individual no contraturno para que ele possa resolver as dificuldades decorrentes do pouco conhecimento da língua portuguesa.

É necessário também que os professores sejam orientados em relação às especificidades da surdez para que não tratem o aluno surdo como incapazes. Infelizmente, o preconceito, causado pelo desconhecimento das consequências da surdez e das potencialidades das pessoas com surdez, ainda é muito grande e responde, muitas vezes, pela exclusão do aluno dentro da sala de aula, onde ele faz o que quer e quando quer, não se exigindo nada dele.

### **Entrevista com a psicopedagoga**

1) Como você ajuda os pacientes não ouvintes na aquisição da Língua Portuguesa?

R: Normalmente eles chegam “sem língua”, nem oral, nem Libras.

Alguns possuem fragmentos de oralidade e sinais domésticos criados pelas próprias famílias para se comunicarem entre eles. Quando chegam ao consultório, não eles não têm identidade própria.

A aquisição da Libras é o primeiro passo no processo psicopedagógico. As famílias encaminham para terapia tardiamente, pois tem esperanças dos surdos adquirirem a linguagem oral, quando percebem que isso não ocorrerá, procuram um especialista.

Trabalhar utilizando imagens ajudou a despertar o interesse da grande maioria dos pacientes, percebi que o processo de aquisição da leitura e escrita melhorou muito. Eu sempre começo focando em palavras e depois inicio com as frases. Mostro como é aquela palavra em libras e sou escriba do paciente, para ele ver como é escrito.

2) Quais métodos, procedimentos e trabalhos você realiza?

R: Eu trabalho inicialmente com questões anteriores a aprendizagem. Não posso começar um trabalho logo ensinando a língua de sinais, então eu acolho esse paciente, crio um vínculo afetivo com ele através de jogos e o que ele me mostra que tem interesse e consigo entrar no emocional, social, afetivo, para depois chegar às questões escolares.

Todo o meu processo de diagnóstico envolve cognição, memória, planejamento, antecipação, lateralidade e a subjetividade. A subjetividade para mim é o principal, o ponto de partida, então na anamnese eu procuro saber como essa criança era quando nasceu como a família o enxerga quem fala por ele, qual o seu papel dentro daquele contexto familiar, sua modalidade de aprendizagem, ou seja, toda a parte individual do paciente e sua trajetória até chegar ali.

3) Quais são as queixas mais comuns e como esses pacientes chegam até você?

R: As queixas mais frequentes na escola de surdos que atendo são as dificuldades de aprendizagem, comportamento e aquisição da oralidade. Os

pais não aceitam a surdez e acreditam que a psicopedagoga vai resolver. Nesse momento tenho que explicar que isso não é possível, que os atendimentos não farão o paciente ouvir. Os pais colocam o surdo como incapaz, não conseguem enxergar as qualidades, apenas as dificuldades, e não o estimulam em casa.

A demanda é muito mais da família, pois querem encontrar um “culpado pela imperfeição” do filho.

Os encaminhamentos são feitos pela própria escola de surdos.

No meu consultório, os encaminhamentos são feitos pelas escolas da região e as queixas são dificuldades de aprendizagem no geral e questões psíquicas somadas à surdez, como por exemplo, paralisia cerebral, nervosismo, ansiedade, psicose, etc. Muitos tomam medicamento.

4) Como se dá o processo de diagnóstico/avaliação?

R: No meu consultório eu faço o diagnóstico utilizando os mesmos materiais tanto para surdos, como para ouvintes. Apenas lembrando que, esse processo com o surdo ocorre apenas após a aquisição da Libras, pois necessito criar um meio de comunicação com o paciente.

9. Hora do Jogo – jogo do rabisco

10. Hora do jogo – jogos psicopedagógicos + livros + caixa lúdica

11. Desenho do par educativo

12. Desenho da família cinética

13. Reconstrução da história de vida

14. Provas de Piaget

15. Verificação de leitura e escrita – Eu falava “cachorro” em Libras, por exemplo, e escrevia a palavra para o paciente ver como era e mostrava a imagem.

16. Prova de raciocínio lógico-matemático